

Oferta

Espero que este livro possa ter alguma serventia.

Mas isso só os leitores o dirão.

Para mim, mesmo antes de chegar aos leitores, ele serve já

Para o oferecer, in memoriam, ao meu irmão Luciano e ao Nuno Rilo.

*Para dar um abraço ao Manuel Louzã Henriques, ao Fernando Adão
e ao Albano Nunes.*

*Para recordar alguns Amigos que a vida me foi oferecendo ao longo
dos anos (registo-os sem qualquer preocupação de os ordenar):*

Mário Canotilho, Alberto Januário, Ivo Cortesão, Felisberto de Lemos,

Vilarinho Raposo, António Marques dos Santos, Vasco Gonçalves,

Álvaro Seiça Neves e Dora Seiça Neves, António Rosa Coutinho,

Adalberto Videira Domingues, José Bernardino, Adriano Correia de Oliveira,

Carlos Aboim Inglês, Joaquim Pires Jorge, Raúl de Sousa, João Damasceno,

Adelino Borges, Aníbal Almeida, António Garcia Neto, Alberto Vilaça,

José Rui Faria de Abreu.

Três notas breves

1. O texto que está na base deste livro chama-se «Aventuras e Desventuras do Estado Social» e foi escrito para homenagear o Doutor Fábio Konder Comparato (Maria Victoria de Mesquita BENEVIDES, Gilberto BERCOVICI e Claudineu de MELO (Orgs.), *Direitos Humanos, Democracia e República — Homenagem a Fábio Konder Comparato*, Quartier Latin, São Paulo, 2009, 71-142).

As preocupações que me levaram a escrevê-lo não desapareceram. Acentuaram-se. E o texto originário foi sofrendo alterações, até se transformar em livro, editado em Portugal pelas Edições «Avante!» e apresentado publicamente na *Festa do Avante!*, no dia 4 de Setembro de 2010.

Entretanto, surgiu a hipótese de publicar o livro no Brasil, o que veio a concretizar-se, para minha alegria, graças às diligências do meu Colega e Amigo, Doutor Jacinto Nelson de Miranda Coutinho, a quem fico a dever mais esta gentileza, dívida acrescida pela honra de me ver incluído, pela generosidade deste meu Amigo, na *Coleção Jacinto Nelson de Miranda Coutinho*, agora com a chancela prestigiada da Lumen Iuris.

Com ligeiras alterações em relação à edição portuguesa, esta edição continua a servir-me para homenagear, em primeiro lugar, o Doutor Fábio Konder Comparato, que me honra com a sua amizade, cimentada a partir do momento em que tive o privilégio de ser seu padrinho na cerimónia solene do seu Doutoramento *Honoris Causa* na Universidade de Coimbra, em 2000, quinhentos anos depois da chegada de Pedro Álvares Cabral a terras de Vera Cruz.

Quero também homenagear os Colegas e Amigos brasileiros (Aldacy Coutinho, Eros Grau, Fernando Scaff, Francisco Amaral, Jacinto Coutinho, Lenio Streck, Luiz David Araújo, Luiz Edson Fachin e Paulo Neto Lobo) que, por ocasião dos meus setenta anos, se constituíram em Comissão Organizadora de um comovente *LIBER AMICORUM*, que a Coimbra Editora (em cooperação com a Editora Revista dos Tribunais, de São Paulo) trouxe a lume, em finais de 2009, num livro rico de conteúdo e graficamente muito bonito.

Este livro serve-me ainda para homenagear os restantes quarenta e dois Colegas e Amigos de todo o Brasil que me honraram com a sua colaboração neste *LIBER AMICORUM*. Bem hajam todos.

2. Já o disse atrás: o texto a partir do qual cheguei ao que agora se publica em livro foi escrito em 2008 para homenagear o Doutor Fábio Konder Comparato e chama-se «Aventuras e Desventuras do Estado Social». Este foi o título acordado com o editor, logo que as *Edições «Avante!»* me manifestaram o interesse em publicar o texto em livro.

Mas a verdade é que, à medida que fui revendo e alterando o texto inicial, comecei a pensar que talvez fosse melhor alterar o título acordado. Como os personagens dos romances, o texto começou a ganhar uma nova lógica.

Concluídas as ‘obras’ que fiz no texto originário, dei-me conta de que me alonguei mais a falar das metamorfoses do capitalismo ao longo das várias formas que vem assumindo e dos efeitos que as *mudanças dos tempos* foram provocando no movimento socialista e social-democrata europeu, *mudando as suas vontades, mudando o seu ser*.

Continuando a parafrasear o nosso Camões, creio que o livro mostra também, a este respeito, «quantos enganos traz o tempo à esperança». Por isso resolvi chamar *As Voltas Que o Mundo Dá...* a estas *reflexões a propósito das aventuras e desventuras do estado social*. Creio que este título reflecte melhor a preocupação que me animou a escrever o livro, como universitário e como cidadão.

3. Esforço-me sempre por escrever os meus textos em linguagem simples, de modo a torná-los acessíveis ao maior número de leitores. Estou, porém, muito consciente de que os textos que os autores escrevem fecham um ciclo quando são acabados e dados a público.

A partir daí, cada um dos vários leitores, ao ler e interpretar o texto, vai construindo o seu próprio texto, como que recriando o texto originário do autor. Este multiplica-se assim em múltiplos textos, tantos quantos os leitores, textos que por vezes não terão todos o mesmo sentido, e muito menos o sentido que o autor lhe quis dar.

Acontece que, desta vez, eu queria deixar uma mensagem. E sei bem que a minha prosa é uma prosa dura e rude, pouco adequada para enviar mensagens convincentes. A solução foi recorrer aos poetas, que sabem escolher as palavras certas e, muitas vezes, dizem numa palavra o que não se encontra numa biblioteca inteira.

Para dizer aos meus leitores que, apesar de saber bem «quantos enganos traz o tempo à esperança», eu acredito que, voando na poesia de Manuel Bandeira, um dia havemos de chegar a Pasárgada.

E em Pasárgada, meus Amigos,

*Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização.*

É disto mesmo que nós precisamos: *uma outra civilização*. Para lá chegarmos, porém, a essa outra civilização, temos de levar a sério a sabedoria destes outros versos, agora de João Cabral de Melo Neto:

*Um galo sozinho não tece uma manhã.
Um galo precisará sempre de outros galos.*

Por isso, parafraseando um apelo por demais conhecido, deixarei aqui este apelo sempre oportuno: «Galos de todo o mundo,

ANTÓNIO AVELÁS NUNES

uni-vos!». Só assim, unidos, chegaremos a Pasárgada. E vale a pena lutar por isso. Porque em Pasárgada, meus Amigos,

*Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização.*

António José Avelás Nunes
Fornotelheiro (Quinta dos Casões)
Julho-Setembro de 2010

Nota sobre a segunda edição

A ideia central deste livro surgiu-me quando, no início deste nosso século, tendo ficado claro para mim que os ventos neoliberais de destruição do estado social tinham entrado perigosamente no espaço político da social-democracia europeia, procurei entender o que poderia justificar uma tal reviravolta.

Sabemos que o *estado social* se concretizou em determinadas condições históricas que obrigaram a recorrer ao engenho criativo para salvar o capitalismo. Como se compreende que ele esteja agora na mira de todos os defensores do capitalismo (conservadores e sociais-democratas), olhado como uma terrível doença sobre a qual se atiram todas as culpas da pouca saúde do sistema?

Sabemos também que, após a Segunda Guerra Mundial, a social-democracia europeia fez do estado social de matriz keynesiana o núcleo central do seu projecto reformista, a ponto de ‘matar’ a alternativa socialista, porque o *estado social*, no contexto de uma *economia social de mercado* (ou *economia de mercado regulada*), já era mais socialismo do que capitalismo. Como se compreende que também ela (e não só a *terceira via* blairista, mas, na prática, todas as *vias* da social-democracia europeia) tenha acabado por desvalorizar o estado social, actuando de modo a reduzi-lo à caricatura de uma espécie de *estado social mínimo*?

As minhas reflexões levaram-me a aprofundar a análise de uma problemática que há muito me interessava, a problemática do *papel* do estado (do *estado capitalista*), ao longo dos dois séculos e meio da história do capitalismo.

Entretanto, em finais de 2007, emergiu nos EUA a chamada *crise do sub-prime*, uma crise com epicentro no sector financeiro especulador, que, desde o início, diagnostiquei como mais uma

crise do capitalismo. Neste caso, uma *crise anunciada*, como que ‘programada’ pelo tipo de políticas que os vários *poderes políticos do capitalismo* (os estados nacionais, as agências do capitalismo como um todo — FMI, OCDE, Banco Mundial, OMC, Comissão Europeia, BCE, etc. — e os clubes privados da alta finança (o G8, o G20, a Comissão Trilateral, o Fórum de Davos, etc.) vêm prosseguindo há vários anos, na tentativa de contornar a *tendência para a baixa da taxa de lucro* que se tornou evidente no início da década de 1970, com a chamada *crise do petróleo*.

O meu empenho em compreender as causas da crise que começara nos EUA mas estava a atingir a Europa com particular dureza já deixou algumas marcas na 1.ª edição deste livro, que acabei de escrever em Junho/Julho de 2010. Mas a crise continuou a fazer o seu caminho de destruição não só do capital excedentário mas também da vida de milhões de pessoas cujo único ‘crime’ é o de serem trabalhadores assalariados. E eu procurei acompanhar a evolução deste *tsunami* destruidor, trabalho que se traduziu na publicação de um estudo autónomo sobre *A Crise do Capitalismo: Capitalismo, Neoliberalismo, Globalização* (Página a Página, Lisboa, 2012), estudo cuja redacção ficou concluída, na sua essência, em Dezembro de 2011.

Quando chegou a hora de preparar esta 2.ª edição, dei-me conta de que algumas das reflexões incluídas na 4.ª edição (revista) de *A Crise do Capitalismo...* (apresentada na *Festa do Avante!*, Setembro de 2012) talvez ficassem melhor inseridas na reflexão mais ampla desenvolvida neste outro livro. E assim fiz. Ao mesmo tempo, pareceu-me mais ajustado transferir alguns trechos de *As Voltas que o Mundo Dá...* para a nova versão do livro sobre *A Crise do Capitalismo* (cuja 5.ª edição viu a luz do dia há pouco tempo).

Encerrada a revisão deste texto, olhei para o título da 1.ª edição e concluí que ele não se coadunava com o conteúdo do livro, sobretudo nesta nova versão. Decidi, em conformidade, escolher um título que pudesse reflectir mais correctamente aquele que é, verdadeiramente, o objecto deste livro: *O Estado Capitalista e as Suas Máscaras*.

Na primeira das *Três Notas Breves* que acompanham esta edição explico a razão da escolha daquele título estranho e extenso (*As Voltas que o Mundo Dá... Reflexões a Propósito das Aventuras e Desventuras do Estado Social*). Apesar das alterações introduzidas, este novo texto é, sem dúvida, uma segunda edição (revista) do texto publicado em 2010.

Faço este aviso porque não quero enganar os leitores levando-os a comprar esta edição como se ela fosse um livro completamente diferente daquele que veio a lume em 2010. Acrescentarei, porém, que esta alteração do título representa também, da minha parte, um gesto de respeito para com os eventuais compradores e leitores desta 2.^a edição (com alterações significativas relativamente à 1.^a), que, lendo o título, ficam mais esclarecidos acerca das matérias abordadas no livro.

As voltas que o mundo dá...

Coimbra, Julho de 2013
António José Avelãs Nunes